

ALVORADA

1.º Anno
Editor,
Dr. Alberto Rodrigues
Redacção e administração
Rua da Republica, 154
GUIMARÃES

SEMANARIO REPUBLICANO
Director,
A. L. de Carvalho
Propriedade da Empresa da «Alvorada»
Guimarães, 10 de dezembro de 1910

Numero 3
Administrador,
Rodrigo Pimenta
Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranesse
R. DE PAYO GALVÃO

Collaboradores effectivos: Dr. Eduardo d'Almeida, Dr. Alfredo Pimenta, Alfredo Guimarães, Mario Cardozo e Jeronymo d'Almeida.

Todas as doutrinas expostas nos artigos assignados, ainda mesmo sob pseudonymo, são da absoluta responsabilidade dos seus auctores.

Uma carta que esclarece uma situação e uma situação que se define

Meu amigo Rodrigo Pimenta:

Procurou-me V. hontem da parte dos membros fundadores do projectado Centro Th. Braga, dizendo-me que era condição para a entrada do A. C. a inclusão do meu nome na commissão organisadora.

Ora o meu amigo sabe,—tantas vezes lh'o tenho dito—que a mim, ao meu parecer, não me seduz a ideia da fundação dum novo Centro,—isto, pelo menos, no actual momento. E' obvio acrescentar que, o Centro, tal qual o projectam e querem os meus intelligentes correligionarios, viria imprimir uma acção forte e activa de propaganda, entre nós mal esboçada ainda, viria, numa palavra, fazer o que se não tem feito, o que se não faz e é urgente que se faça. Mas é necessario que o meu am.º veja nitidamente a situação que se esboça frente a nós, situação tanto mais desagradavel quanto perigosa para a divisão politica na nossa terra... A fundação do Centro que se projecta e que o meu amigo defende pela ansia generosa de lutar, tem, no presente, um aspecto de nitida dissidencia, dissidencia que, se é certo existir—pela razão de que não ha luz em todos os olhos e intelligencia em todas as cabeças—ella deve todavia concentrar-se, esperando melhor oportunidade.

Eu lhe digo: Eu receio que com a fundação do novo Centro se venham a caracterisar, a esboçar desde já, as forças politicas locais! Eu temo, meu amigo, eu receio que, sem nós o querermos nem tão pouco o desejarmos, se venha a fundar um Centro... para elementos adherentes demasiadamente combinados!

O meu amigo sabe porque digo isto, e, a razão principal é,—a força da opinião publica. V. sabe porque digo isto...

E é isso o que nos convem como republicanos? Evidentemente não é.

O que é portanto necessario, o que é preciso, o que lhe peço é que, aproveitando o ensejo que lhe offereceu a conversa dalguem, vá ter novamente com elle; diga-lhe que venham para o Centro Th. Braga, se querem vir, ou, então, que digam, sim, que digam o que querem, o que pretendem, e, (tendo em vista, neste momento, os interesses do partido da Republica entre nós) entendo, que não devemos amiudar questões de brio.

O meu ideal é, confundir,—pelo menos até uma dissensão eleitoral provavel,—todos os adherentes que para nós venham dos

extinctos partidos da Monarchia! Haverá nisto tacto politico?

Enganar-me-ei? Ha acaso nesta aproximação quebra de orgulho?

Tudo eu acho preferivel á ideia da fundação do novo Centro.

Vá, pois, peço-lh'o, ter com o individuo que o procurou, que lhe fallou numa entente. Mostre-lhe, se assim o entender, esta minha carta, para que saibam o meu estado de espirito para com a situação, e deixe commigo o meu estado d'alma para com elles.

De resto, se não estiver de accordo com este meu desejo, sirva-se nesses casos do meu nome para o que entender que elle é preciso.

Guimarães,—2—12—910.

Seu dedicado,

A. L. de Carvalho.

P. S. Já fallei com os nossos amigos da Commissão. Estão em plena conformidade commigo. Faça V. o resto. Deixo-lhe esta carta porque vou amanhã ao Porto.

Declaração

Os cidadãos Abel Cardozo, A. L. de Carvalho, Rodrigo Pimenta, Dr. Alberto Rodrigues e Joaquim de Menezes desistem de fundar o Centro Th. Braga visto o seu unico intuito ser a criação dum centro de propaganda e acção republicana—o que se propõe fazer o Centro Republicano de Guimarães, do qual os referidos cidadãos fazem parte.

Do povo de Guimarães

O Centro Republicano de Guimarães convida o povo desta cidade, todas as collectividades civis e militares e representantes da imprensa diaria e local a assistirem a uma conferencia que no proximo domingo, pelas 8 horas da noite, no salão nobre da Associação Artistica Vimaranesse, á rua de Gil Vicente, realiza o cidadão Dr. Eduardo d'Almeida subordinada ao thema—Os deveres dos republicanos—sendo assim inaugurada a nova sede do referido Centro.

Guimarães, 10 — 12 — 910.

O Secretario do Centro Republicano de Guimarães,
Mariano Felgueiras.

ECHOS

Péu! Péu!

Foi no teatro, terça-feira, quando o povo, de borla, assistia ao 30.º numero das festas nicolinias— as danças dos estudantes.

Na exhibição dos moços estudantes, final d'acto, o grupo academico dançante cantava a plenos:

A's armas! A's armas!
Sobre a terra e sobre o mar!

Péu! Péu! gritaram da plateia. Péu! Péu!...

E alguns cidadãos não tiraram o chapéu, ou porque não achassem opportuno, ou porque não quizessem.

Cá fóra, finda a exhibição dos moços estudantes, jogam-se ápartes, quentes, vermelhos, prestes a fundirem-se em tempestade.

Nossa opinião: Queriamos que todos se descobrissem... mas por vontade. Sem esta condição, que exemplo offerecemos, exigindo, e que espectáculo nos offerecem, obedecendo?

Ah! não interpretemos por tal maneira a liberdade que tanto amamos!

«O Mundo»

Ninguem o ignora: «O Mundo» é um jornal que tem prestado á causa da Republica os mais revelantes serviços. Mas está facto o vem testemunhar: vae «O Mundo» enviar um seu redactor ao norte do paiz para que conhecendo de perto as diversas correntes locais, possa o grande informador dirigir a sua acção de propaganda na provincia com um mais seguro e exacto conhecimento das suas convulsões e anseios.

Parabens ao «Mundo» e... ao seu dispôr.

A quem servir

A brandura dos nossos costumes e a feição amorpha da maneira de ser mais geral do jornalismo da provincia, faz que se não esteja habituado, antes se extranha, ao ver tratar um assumpto serio, um caso de feição moral, com a severidade de critica que o depuramento do organismo social tanto exige.

Fallar alto e claro, fallar com nobreza de linguagem e superior criterio, não é, (desgostosamente o dizemos) a feição que ao jornalismo, da provincia, em especial, se procura dar. A sua dependencia, que é a assignatura, é uma ameaça para a sua condição de fallar alto. E' por isso que nós esbarramos por essas gazetas com muita espinha derreada, muito brio de cocoras, muita intelligencia de chapéu na mão; é por isso que o nosso jornal se propõe sustentar, em ultima ins-

Cartas litterarias

NO INVERNO!...

—Das-me o teu sardão?...
—E das-me a tua passarinha?...

O sol é de inverno. Podaram as vides; e já os sarmentos cõr de fogo se não esgadelham!... Os lameiros húmidos—cegados e penteados—luzem luxuosamente como a barba verde dum grande fauno que se estirasse ao sol!...

—Meninas, quentes e grandes!
—O' caridade, uma esmolinha!...

Tarde alegre. Os castanheiros deixam voar as folhas. E a luz doirada reflecte-se, com a crueza dum diamante falso, nas aguas vitreas dos tanques. Pela calçada sobe uma cobra de povo, rumorosa!

—Olhe: então não me compra a passarinha? Menino?...

—Nada...

Ouvem-se os echos duma philarmonica. A romaria estira-se sob as oliveiras safaras, de musculos contorcidos. Uma fumarada cinzenta, de lenhas verdes, vicia e empana o ar de ouro novo, entre o povileu d'arraial. Canta-se ao longe!...

—Nossa Senhora da Conceição ha de casa-los! E hão-de ser muito felizes! Qual quer, menina?...

—A do laço vermelho!

—E' uma passarinha gorda que é um regalo! Ahi vae; numa caixinha!

Um sino tange á patriarchal. Capela branca, sob columnas e em telhado mourisco de quatro aguas, chama os noivos, enconcha-se para os deixar sahir! Vae entardecer; as aves recolhem... Trépa o povinho o escadorio; outro benze-se e sai... O sino velho tange mais!...

—Olhe, cara linda... Então?! Passou aqui agora mesmo. Compre-lhe o sardão!... Adeus!... O' mulher, elle é noite...

—Meu senhor, lembre-se do cequinho...
—Quentes e grandes!... Menina, venha ás boas!...

Mas o sol vae morrer... Para lá dum monte, que é cemiterio, meio circulo de patêna em braza sob as arvoreds encolhidas e arripadas, observa o silencio triste que se espalha, como um fumo, na natureza!... Um listrão roxo, de nuvens, traça o fundo verde-aguarela do ceu... O sino parou... O povo escoou-se... E, aos reflexos frios das trindades, ouve-se ainda para o longe, frouxamente:

—Quentes e grandes... Quentes e grandes...

Alfredo Guimarães

tancia... á nossa custa, visto que está disposto a não corromper-se, a não bandear-se.

Todos gostam, dizem, dum jornal que corte a direita. Mas cortar a direito para certa gente, é cortar... nos outros. Se, porem, na preocupação de cortar a direito lhe embarramos pela pelle, elles, sem olharem para dentro de si, protestam, devolvem-nos o jornal, talvez dizendo—que cortamos direito de mais!

Pois não nos corromperão, repetimos. A unica condição a que nos obrigamos perante o assignante, é a de lhe mandar o jornal—feito com a nossa intelligencia e com a nossa sensibilidade—e, agradecer-lhe, na altura propria, o pagamento do recibo.

Não é, convençam-se, pelo preço da assignatura que comprarão o nosso silencio.

Quanto ao mais tenham confiança nas nossas intenções, observem-nos o que julgarem erro, discutam connosco, e... amigos como dantes.

A «Republica Portuguesa»

Vem este brilhante diario da capital fazendo echo de informes que de Braga até li chegaram, alvoroçando a auctoridade superior

do districto e chamando a sua atenção para o seu representante em Guimarães. Vale tambem a pena a «Republica Portuguesa» assegurar-se do acerto com que falla o seu solicito e talvez acreditado informador bracarense.

E' esta, quanto a nós, humildes jornalheiros da provincia, a melhor maneira de fazer jornal.

Pois como hão-de os senhores indemnisar quem é victima de velhacas informações?

Actos dum administrador reaccionario-thalassa

Como ainda não tivessem cumprido a determinação que já em outubro lhes foi imposta de prestarem contas no praso de oito dias, intimação que o dr. Eduardo d'Almeida mandara fazer mesmo antes de qualquer instrução nesse sentido, foram novamente intimadas no dia 6 a apresentarem no dia seguinte, até ás 3 horas da tarde, na administração do concelho, as contas e os livros da escripturação as seguintes irmandades:

Almas, Senhora da Misericordia, Senhora do Terço, Santo Homem Bom e Confraria do Sacramento, da freguesia de S. Paio;

EM FOCO...

Os ex-teixeiristas adhesivistas — Factos e commentarios

Santo Antonio, Santa Anna, Confraria do Sacramento e Cordão e Chagas, da freguesia de S. Sebastião; San Chrispim e Ordem Terceira do Carmo, da freguesia da Oliveira.

Nenhuma destas irmandades pôde apresentar contas, entregando apenas os livros. Mas os livros bastam a mostrar que isto andava no mais cahotico estado!

Rebate... falso

Subordinada ao mesmo titulo, escrevemos no passado n.º da *Alvorada*, uma local a proposito dos boatos terroristas que certas e determinadas creaturinhas mais ou menos pittorescas fizeram espalhar garbosamente pela cidade, no ultimo domingo de novembro.

Nessa local fallavamos em *lojistas*, quando deviamos ter escrito—*alguns lojistas*—pois não está nos nossos habitos flagelar quem nos merece consideração e respeito, mas sim estigmatizar aquelles que pela sua ineptia merecem palavras amargas e duras.

Ficamos pois entendidos. A nossa local de sabbado passado, não teve outro fim em vista que não fosse o de fazer vêr ás creaturinhas mais ou menos pittorescas que esfregavam as mãos de contentamento fazendo correr mundo os boatos terroristas, que é criminosamente anti-patriotic, perturbar a consciencia nacional dum povo que está merecendo a sympathia de todo o mundo civilizado pelas provas de coragem, de brio e de nobreza que deu aos olhos da Humanidade.

«O Commercio de Guimarães»

E' o decano dos jornaes cá da terra. Não sabemos se esta qualidade lhe dá direito a dizer tolices; se não dá como é evidente, deve não armar em perturbador aproveitando-se de coisa nenhuma para tirar conclusões de tudo... Forçando entrelinhas descobre o nosso collega que estamos em ataque á commissão administrativa quando sómente o nosso ataque, a nossa censura, o nosso reper, vac para o Centro Republicano pois foi elle quem entendeu nomear para a Commissão Municipal as mesmas creaturas que servem na Camara, o que é contra as indicações do Directorio.

De resto, se quer saber o que pensamos a respeito da acção administrativa da Camara, fique-se com esta até que melhor o esclareçamos:— não nos desagrada de todo!

O nosso semanario

No n.º 3 da *Alvorada*,—orgão do partido republicano dos Arcos de Val-de-Vêz, do qual é editor o nosso querido amigo e conterraneo Dr. Gonsalo de Meira, encontram-se estas palavras amigas que jubilosamente transcrevemos:

«Alvorada»

E' um semanario republicano nosso homonymo que se começou a publicar domingo em Guimarães.

E' o resurgimento dum outro que com o mesmo nome e na mesma cidade existiu em julho de 1907 e durou *l'espace d'un matin*.

Muito nos alegra o seu reaparecimento porque ao primeiro dedicamos tambem o nosso concurso e aos obreiros deste nos ligam os mais estreitos laços de amizade.

Saudamos, portanto, a nossa irmã.

Em nosso numero passado tratamos aqui da *primeira jornada republicana* do ex-teixeirismo local, assumpto que teve o privilegio e a qualidade de ferir commentarios que hoje muito nos convem apreciar:

—*Que fomos justos, é certo, mas fortes de mais!*

Fortes de mais porque?

Por não recebermos os noveis correligionarios com vivas e foguetes? Por não lhe cairmos nos braços? Por não cantarmos a *Portuguesa* e de jubilo offerecermos um budo aos pobres?

Mais resumidamente:—Por não os felicitaros?

—*Que não é assim, pela maneira como o fizemos, que se conquistam adeptos e se faz partido!*

E' então, inflamando tropos e referendando elogios em prosa e verso? E' destacando grozas d'adjectivos para as columnas da imprensa e ensaiando apotheoses com fogos de bengala?

Mais francamente:—E' mentindo á consciencia?

—*Que, finalmente, a Republica se tinha feito para todos os portugueses.*

Perdão: agora chegou a vez de fallar—a serio.

Deviamos, queriamos, receber os noveis correligionarios com vivas demonstrações de sympathia; a Republica fez-se para todos; desejamos que todos para ella vellas: mas por Deus, oh dosimetricos commentadores—á questão está da forma como vêem as intenções com que vêem.

Vós, dosimetricos commentadores, pareceis ignorar o que toda a gente sabe, o que toda a intelligencia descobre!

Porque elles—ouvi então, em vez de irem recolhidos e contritos deporem no livro da parochia do seu bairro a leal e sincera adhesão do seu convencimento declarado e, cada um voltar ás suas casas e ás suas profissões esperando a melhor occasião... a occasião de mais desinteresse para serem uteis ao seu paiz, em vez de se compenetrarem de que o regimen sendo outro, outra é a forma de ser politico, em vez disto comprehendem, (o que seria justo, o que era logico, o que devia esperar-se) elles trataram mas foi... já, já, depressa, depressa... á sorrelha, de tomar posições, em antes que outros lh'as disputassem! Vejam:

—Elles decidiram ir annunciar ao chefe do districto a sua adhesão e, tão simulado, tão calculado era este *annunciamento*—dispensavel alias—que recusaram, desviaram a companhia de outros elementos que se propunham ir alli tambem!

—Elles andaram ahí de braço dado com a commissão administrativa, levando-a a interessar-se por uma pretensão (embora muito sympathica pela pessoa a quem directamente servia) mas que não deixava de ser uma afronta aos direitos doutrem visto tratar-se duma admissão professoral por provas!

—Elles, finalmente, para manterem o predomínio e receberem a vassalagem dos *pacorios* d'aldeia, offereceram a alguem (gentil lembrança) uma lista com nomes para... os servir nas juntas de parochia!

Digam-nos agora, sim! digam-nos depois disto se taes provas, se taes passos, são de molde a

inspirar-nos confiança, a despertar-nos enthusiasmos?!

Digam-nos agora se fomos *fortes de mais*, se fomos impolíticos, se fomos violentos, se fomos inoportunos recebendo-os de cara levantada, com ar de franqueza, em tom de critica amena e justa?

Esses factos que hoje reproduzimos não são coisas colhidas nos conchaves da intriga, não! São factos averiguados, palpados, analysados; desenvolvem-se iamos se necessario se tornasse.

—*Mas a Republica fez-se para os portugueses, gritam p'r' ahí excelsos cavalheiros!*

Sim, sim, fez-se para os portugueses,—para toda a nação se fez a Republica, mas não para que continue a bambochata, o pagode, a reinação dos politicos imperantes, dos politicos de barriga, dos politicos—estomagos!

A Republica fez-se para os portugueses mas para que os antigos vicios se regenerem, para que o caciquismo não impere, para que a *politiquice* não seja arma de empregos, de favoritismos e de empenhocas!

Venham todos! todos os bons portugueses que amam a sua patria, caminhem para nós, recebam-nos de braços abertos, num bom sorriso, quando tenham demonstrado que estão conosco de intenção pura e vontade limpa!

O contrario disto, virem para nós, mudando simplesmente de rotulo—como o denunciaram pelos seus movimentos de estrategia velha os ex-teixeiristas,—não terá de nós outra consideração nem ficaremos noutra espectativa que não seja a duma sentinella que do seu posto, cumprindo o seu dever, vigia o inimigo... inimigo tanto mais perigoso que, para nos illudir, tão sómente se serve de senha igual á nossa.

Enganamo-nos?

São effectivamente e com humana justiça, os politicos que adheriram bem intencionados?

Enganamo-nos?

Querem que nos deixemos acreditar, convencer, embalar na doce esperança que em seus peitos se abriga a mais forte e mais intensiva contricção por erros, culpas e peccados? Pois seja.

Acceitem esta mão, venham para o nosso lado.

Venham ajudar-nos com a sua intelligencia, com o seu esforço a fazer no povo a educação civica tão mal esboçada entre nós! Vamos missionar, evangelisar, dizer ao povo que os velhos moldes, os velhos habitos da politica que da politica os afastava desconfiados e medrosos, já desapareceram, desapareceram para sempre. Que não se prenderá, como então, ninguem por capricho e sem culpa formada; que ricos e pobres servirão da mesma forma e pelo mesmo tempo a Patria; que não devem tremer em vespuras de eleições; que a lei, finalmente, é igual e equitativa para todos!

Ajudem-nos, offereçam exemplos de que estão radicalmente mudados em processos politicos e, acceitem esta mão que lhe offerecemos com lealdade.

Sendo assim... Viva a Republica!

Vivam os nossos correligionarios!

Questões d'Arte

Se algum dia Portugal teve preponderancia como nação civilizadora e progressiva nunca o merito nos adveio das nossas produções, pequenas e morosas, nos dominios da Arte. Nunca entre nós surgiu um núcleo, uma geração brilhante e duradoira de artistas que fizesse e deixasse escola, como a teve e deixou immortal a Grecia antiga e, mais tarde, a Italia, a Hespanha, a França, a Hollanda.

O nosso genio irradiou sempre para as acções guerreiras e aventureiras, batalhando, descobrindo e conquistando. Como tal nos impuzemos e perduramos na Historia e na Civilização: mais pelo esforço material do que pelo impulso do pensamento, mais pelo dominio temporal do que pelas luminosas creações subjectivas do espirito.

Se alguns artistas superiores fulgem, por vezes, espontaneamente entre nós, elles tem deixado uma pequena obra, bella sim mas deslizada, desirmanada, absorvidos pelas tendencias das Escolas da epoca, e nunca uma obra completamente sua, inteiramente nossa, fundindo-se com a natureza característica que nos cerca, com a vida que vivemos, com o nosso sentimento e ambiente proprios.

E, todavia, nenhuma terra mais rica do que esta terra de Portugal em intuições artisticas, em temperamentos emotivos. Rodeados de sol e de côr, acariciando a alma na suavidade da paysagem bucolica e o corpo na brandura do clima—somos naturalmente um povo affavel de sentimentaes e sonhadores.

E' esta nativa tendencia artistica que nós precisamos aproveitar, cultivar e desenvolver, esta preciosa qualidade de meridionaes que nós sempre temos descurado e abandonado. Dentre as múltiplas energias que este povo tem latentes e improductivas é, por certo, a vitalidade esthetica da raça uma das mais esquecidas, revelando-se, talvez, a que mais aspira á intensa luz, ao sol radioso, á expansão plena. A mais esquecida mas a mais forte e a mais bella.

A educação artistica, em Portugal, está por fazer. Urge iniciála.

Eu não preconizo um povo de artistas mas sim um povo que saiba respeitar e admirar toda a expressão plastica, toda a manifestação de belleza. Um povo sem educação artistica é naturalmente refractario e inapto para tudo que demande intelligencia clara, comprehensão, lucidez e subtilidade de espirito. Uma nação desprovida deste poderosissimo elemento educativo que é a Arte estaciona e desagrega-se da evolução social. A Historia tem frizado e vinculado que, em todos os tempos, os povos mais impulsioneiros e civilizados tem sido tambem os mais avançados no cultivo das diferentes Artes, na consagração do Bello.

Muitos são os meios de propagar e diffundir em todas as classes a educação esthetica. Vejamos o que entre nós existe e o que deveria e poderá existir.

—*O ensino d'Arte nas escolas:* E' de todos conhecido que, em Portugal, este ramo de ensino, mais que nenhum outro, representa uma ficção, desde a escola primaria aos cursos superiores e até nas escolas da especialidade—as industriaes e as de Bellas-Artes. Haja embora, accidentalmente, um ou outro professor consciencioso que pretenda elevá-lo

e alguma coisa prestar de proveitoso e util, o seu esforço não é secundado nem comprehendido—fica esteril.

O que, vulgarmente, se chama em nossos dias um bom mestre primario é uma creatura com algumas luzes duma sciencia vaga, duma pedagogia incerta, com um pouco de methodo e muitos annos de pratica; e se, no limite dum encyclopedismo confuso, pode entrever uma leve ideia de conjuncto dos vastissimos conhecimentos humanos, ninguem lhe falle, todavia, na missão artistica da sua escola porque, em tal assumpto, é inteiramente, absolutamente leigo. Na escola de primeiras letras o ensino do desenho, por exemplo, é tudo o que existe de mais mal orientado e interpretado; não se procura, porque se não sabe, evidentemente, desenvolver as faculdades de observação da creança nem dar-lhe uma noção, rudimentar e simples mas clara e comprehensiva, do valor da Arte, nem despertar-lhe o gosto e o sentimento das coisas bellas, das linhas e das formas, dos seres e das creações do homem e das grandiosidades da natureza. Nada disso: simplesmente a tortura da copia banal e mechanica de um conjuncto de figuras geometricas para um papel quadriculado. Começamos aqui a adquirir uma certa aversão e aborrecimento a esse estudo; mais tarde chamamos falta de «habilidade» ao que é devido á falta de bom ensino e de bons principios.

Com taes conhecimentos da Arte vamos cursar um lyceu. Ahí continua-se a esterilidade: aprendemos então uma geometria descriptiva, uma perspectiva, umas theorias de sombras de que não vemos nem nos dizem a applicação e o alcance. Principiamos depois a indicar, com o carvão e o esfumino, uns *gêssos* frios, sem belleza e sem interesse. E, como já vamos passando á adolescencia e começando a raciocinar um pouco, somos conduzidos á conclusão immediata e logica, em face daquillo que nos ensinaram, de que «o desenho não se estuda porque não serve para nada».

Caminhamos sempre, cada vez sabendo menos. Atingimos um curso superior («superior» é *blague*). Ahí estudamos uma architectura de engenheiro, um desenho geometrico, um desenho applicado a machinas, etc... Não sabemos manejar um esquadro nem dar uma linha, mas, como já temos um pouco de experiencia desta vida e chegamos ao conhecimento de que o professor sabe tanto como nós, dispomo-nos a uzar de qualquer meio pratico para effectuar uns tantos trabalhos exigidos—é uma questão de numero, nada mais... Copia-se então o modelo, por transparencia, sobre a vidraça, uza-se o pantographo, o papel vegetal, etc... O professor sabe, vê, conhece tudo isto mas mas... fecha os olhos. Elle tambem fez na mesma, quando por lá passou...

E, em nosso espirito, continúa a prevalecer a ideia de que «o desenho não serve para nada».

Continúa.

Mario Cardozo.

«Eu te saúdo, bandeira de Portugal, pharol augusto das glorias da minha Patria; bandeira da minha Patria eu te saúdo!..»

Academia Vimaranesse

(Em especial a Comissão das chamadas "Festas de S. Nicolau.")

Briosos rapazes: Um lamentavel desastre nas vossas festas, na qual não tendes a culpa, é certo, mas de que estaes, sem duvida, pezarosos como se a tivesses, deve induzir-vos a pensar no exterminio dessa coisa, que nenhum sentido faz, das Festas a S. Nicolau.

Raciocinando a sós e a frio, vós que podereis ser cábulas mas não sois estúpidos, comprehendereis que taes Festas vam-se aguentando por um *tour de force* e que só as anima e vitaliza o vosso entusiasmo juvenil ou as olha boquiaberto e saudoso algum velhote, veneranda reliquia do tempo em que ellas eram, pelo menos, uma exhibição de costumes.

Taes festas, porém, nem comemoram uma data importante da nossa historia, nem consagram uma benemerencia social, nem visam a acendrar o sentimento patriótico, nem sequer têm o merito duma folga hygienica ou divertimento inoffensivo.

Pelo contrario. Sob este ponto de vista, ficam muito áquem duma corrida de garranos ou da morte do gallo. Servem apenas para catarras e pneumonias, para alentar tuberculoses, para desassocego e perturbação do publico, para partidas e pirraças que não esquecem, para desastres, emfim, como esse que sabemos.

E depois ham de ser-vos sempre tollidas, sempre sempre agudadas, as taes festas, por mais exhibicionistas e dançarinas que as planeeis. Sim, bem comprehendéis, dias de festança e aulas a correr é uma alegria chocha, é uma alegria a meio pau!

Dias de arruado e chuva a potes é de mandar ao diabo a patuscada!

E' por isso que me apraz vir dizer-vos: «Acabae com isso, que faz lembrar os batuques dos selvagens, que parece um trecho de sertão africano deslocado para um meio civilizado.

Desisti desse mal simulado Carnaval que tem sido um protesto arrastando-se com o rotulo pomposo de Festas a S. Nicolau.

Acabae com isso!

Quereis associar o vosso nome a uma obra linda? Mettei hombros á fundação duma Sociedade Academica — Philantropica para auxiliar os vossos camaradas pobres. Pegae já nesse dinheiro que juntastes ou juntardes e seja elle o fulcro da nova empreza.

Depois fazei *quêtes*, promovei saraus, dae espectaculos para obterdes fundos cada vez maiores. Adestrae-vos para o palco, para a recitação, para o discurso, para a musica. Desinvolveis assim aptidões latentes e, ajudando o camarada pobre, começareis a ser desde já um alto valor social.

Isto sim, que é bello, que é altruista, que é generoso, que é nobre e proprio de rapazes briosos e inteligentes! O que por ahi exhibis com o peguilho de Festas a S. Nicolau é uma pavorosa coisa, trabalhosa e inutil, que o vosso bom senso repelle de certo, mas em que vos metteis porque já os outros se metteram e vós não quereis ficar atraz. Não vos acanheis em repudiar essa herança.

Não perfilheis esse passado. E' uma gloria reformar para bem.

Buscae essa gloria, abolindo anachronismo e substituindo-lhe uma coisa moderna e linda—Trabalhar pela Philantropica.

Tendes ahi o bom Padre Roriz, todo entusiasta pelos pro-

gressos da sua terra e pelas generosas tentativas. Elle que, segundo é notorio, vive agora arredado das lides politicas e jornalisticas, não se furtará de certo a cooperar comvosco no lançamento e consolidação duma Sociedade Philantropica Vimaranesse com o fim de subsidiar estudantes pobres.

Buscae o seu auxilio, a sua direcção, o seu conselho. Organisaes-vos em Grupo Dramatico—Musical que representando, recitando, discursando, musicueando quebre de onde a onde, a monotonia do viver vimaranense e seja como que o ganha-pão da incipiente sociedade.

Fazei convergir para Ella as energias, os entusiasmos, os sacrificios que malbarataes ingloriamente e perigosamente do pinheiro, no zabumba, nas roubalheiras e esturdias ao S. Nicolau.

Fosse eu estudante, que não descansaria enquanto não visse realisado a Sociedade Philantropica Academica e canalizadas para ella as sympathias que os escolares parecem votar ás absurdas Festas Nicolinas.

Guimarães 3—12—1910.

Um ex-estudante.

Emprazando

Congregações religiosas

O decreto de 10 de outubro expulsou os jesuitas e extinguiu as congregações religiosas. Dos membros de todas as companhias, congregações, collegios, associações, missões ou outras casas de religiosos pertencentes a ordens regulares, á excepção dos membros da companhia de Jesus que esses foram expulsos quer fossem estrangeiros quer nacionais, foram expulsos os estrangeiros e naturalizados e compellidos a viver vida secular ou pelo menos a não viver em comunidade religiosa os portugueses, sendo estes obrigados a participar ao Ministerio da Justiça onde estabeleciam residencia. Para o effeito desta disposição intende-se que vivem em comunidade os religiosos, pertencentes a quaisquer ordens regulares, que residam ou se ajuntem habitualmente na mesma casa, ou successiva ou alternadamente em diversas casas, em numero excedente a tres.

Ora como parece reprehender-se da leitura dum semanario cá da terra, que estas disposições não foram cumpridas á risca, porquanto lhe consta que algumas *irmãszinhas* estão espalhadas em diferentes casas desta cidade, emprazamos *quem quer que seja* a dizer como e porque, não foi cumprido á risca o decreto de 10 de outubro e quais as auctoridades que não procederam com rigor na sua execução.

Ficamos esperando... certos de que, *quem quer que seja*, não deixará de nos esclarecer, prestando com isso um bom serviço á causa da Republica.

Ainda... e sempre a nomeação da Commissão Municipal Republicana de Guimarães.

«Na parochia—que é por onde principia a soberania popular—funcionário sempre duas corporações autonomas e distinctas: a junta de parochia, com funções absolutamente administrativas, e a commissão parochial, com attribuições essencialmente politicas. Fiscalisar-se-hão uma á ou-

tra; e ambas de per si, educando, ensinando, instruindo, procurando que os cidadãos duma dessas corporações não possam simultaneamente pertencer á outra. No municipio dar-se-ha a mesma coisa, e, se subirmos até ao districto, lá iremos encontrar, ao lado da junta administrativa, a commissão districtal absolutamente partidaria.»

Assim falla o snr. dr. Malva do Valle, secretario do Directorio, entrevistado pelo «Seculo». E' a bôa doutrina, é a nossa doutrina, é o que temos defendido e preconizado em dous numeros deste jornal.

«Que os cidadãos duma dessas corporações (Commissão Municipal e Camara) não possam simultaneamente pertencer á outra». Assim o intendem e em seu alto poder o ordenou o Directorio do Partido Republicano, para que, desta maneira, se separasse a administração publica da politica e respectivamente a politica não interferisse na administração publica. Não o fizeram, não o quizeram assim fazer entre nós os cidadãos que se arrogam e evocam—com, ou sem direito—investidos de poderes officiaes, e não o quizeram, e não o fizeram, porque... são muitos bôas pessoas, e muito melhores republicanos!

De resto, se alguém os lê ou prescuta, elles objectam, elles dizem:

«Não havia mais republicanos aptos e disponiveis e, se os havia, esqueceram os seus nomes, não lembraram na occasião!

De resto, fizeram o que poderam, serviram-se com a prata da casa, e o que havia a fazer, em tal caso, era fundir a commissão municipal na commissão administrativa, mexer, agitar, rotular e... mandar p'ró Directorio!

Vencer eis tudo, o resto quasi nada.

Que lhes importava, a elles, sophismarem, alterarem, calcarem as superiores determinações, os magnos interesses, as altas conveniencias da estrutura politica do partido da Republica?

Para elles não ha nada que vingue, alem dos seus planos!

E vá lá a gente dizer-lhes que fizeram tolice, que são velhacos, que perpetraram um erro!

Tolices defendemos nós, velhacos somos nós, erros perpetrámos nós, evocando a Lei organica, os mandatos do Directorio, as palavras do seu secretario!

Pedir legalismo, para que?! defender as boas normas, para que?! A Republica á *moda delles* não quer isso, não precisa disso.

A's vezes,—momento raro de lucidez—elles veem que procederam mal, que andaram mal, que fizeram mal e dizem:—«Mas se em nós fizemos a accumulção é porque não viamos mais ninguem que o fosse!»

Devotadissimas creaturas! Puritanos republicanos!

Não viam mais ninguem?

Pois nós lhes abriremos os olhos... já que assim o pedem, desejam e querem.

Descansem que virá tudo—agora que estamos mais perto.

NOTICIAS

Continua latente o espirito publico sobre a escolha das côres da bandeira. Diz-se que a Sociedade de Geographia vae dirigir ao paiz um plebiscito. Guerra Junqueiro recolhe assignaturas para o seu projecto. O «Mundo» vae dirigir consulta para defender a bandeira vermelho e verde.

Recebemos a visita dos nossos colegas—*A Patria Nova* e *O Radical*—semanarios republicanos de Braga e Barcellos respectivamente. Agradecemos.

Esclarecendo

Do illustre capelão do regimento de infantaria 2o Rev. José Maria Fiuza, recebemos a seguinte carta que gostosamente publicamos, obedecendo aos nossos principios altamente democraticos. Eis a carta:

Snr. Redactor da «Alvorada»

A leitura da local epigraphada «Traição de Palavras», inserta no n.º 2 da «Alvorada», de 3 do corrente, suggeriu-me a ideia de lhe enviar o periodo completo, de que fazem parte as taes palavras, como unica explicação, pois que ao seu bem feito jornal não sobrá espaço, e a mim não me sobra tempo.

E' assim o periodo: «Que se não forem de mãos dadas (Republica e Religião) ao menos em estradas paralelas caminharão a par, animadas do mesmo sentimento, na conquista do mesmo fim, que é o bem de todos, isto sem se embarçarem nem se chocarem, e muito menos odiarem, mas antes dando a Religião a *Cezar* o que é de *Cezar*, e dando a Republica a *Deus* o que é de *Deus*».

E por aqui verá o illustre localista em que hypothese foi applicada a sentença evangelica, com que o divino Rabbi confundiu e desarmou a hypocrisia pharisaica, que procurava illaquear numa resposta subversiva; bem como se as taes palavras atraçaram ou não a ideia de quem as pronunciou.

Se entender que estas duas linhas ficam bem no seu jornal, peço a fineza de as publicar; se entender o contrario não as publique.

Sou

De V. etc.

Guimarães, 5—12—10

P.º José Fiuza.

Novenas á Santa Luzia se vam realisando na igreja de S. Damazo.

Cinematographo todos os domingos, de tarde e á noite, no *Etoile-Salon* á rua de Gil Vicente.

Fitas de novidade, aparelho perfeito, sessões variadas e preços amigos.

O artigo assignado «Um ex-estudante», está em nosso poder desde o numero passado.

Tem chovido, ventado e torvoado em inverneira pegada. Alguns prejuisos tem o tempo causado á agricultura e os rios teem crescido sensivelmente.

Annuncia-se para domingo, no Circulo Catholico, uma conferencia do snr. Pinheiro Torres.

Alguns commerciantes desta praça pensam em contribuirem-se para pagarem dous guardas nocturnos com o fim de que seja policiada a area dos seus estabelecimentos.

O distincto professor de piano, snr. Americo Angelo, de visita a esta cidade onde conta sympathias e dedicções, deliciau-nos, em festa intima, na noite de quarta-feira, com algumas inspiradas composições do seu cancionero, trabalho que virá enriquecer a sua delicada e vasta obra de artista eximio.

A «Associação dos Proprietarios e Agricultores do Norte» vae enviar ao governo provisorio uma representação contra a lei do inquilinato.

Algumas collectividades de Guimarães tambem representaram nesse sentido.

A Associação Commercial de Guimarães convoca para domingo, pelas 3 horas da tarde, uma reunião da assembleia geral dos seus associados. O assumpto desta convocação é—a lei do descanso e a regulamentação das horas do trabalho,—decreto que o governo da Republica tenciona publicar brevemente depois da consulta ás classes interessadas.

A Associação Artistica elegeu os seus novos corpos dirigentes para o novo anno.

Foi prorogado até ao dia 20 do corrente o prazo sobre arrendamentos.

As festas Nicolinas principiaram por o pinheiro... matando gente, e terminaram pelas danças... machucando o gosto.

O nosso conterraneo snr. Dr. Alvaro Bastos, lente cathedratco da Universidade, acaba de ser incumbido duma missão de estudo no estrangeiro.

Os nossos amigos José Fernandes Guimarães e Manoel Fernandes Guimarães, constituiram-se em sociedade commercial, que gira nesta praça sob a firma Fernandes Guimarães & Irmão. O novo estabelecimento de drogaria é na rua da Republica, n.º 78—80. Felicidades.

No dia 5 do corrente anniversario da morte do distincto archeologo Albano Belino, realizaram-se exequias funebres na igreja de S. Francisco.

«Pela instrucção»—é um artigo que já composto nos vimos obrigados a não publicar por falta de espaço.

Pedimos nos desculpe o seu auctor.

Realizou-se na quinta-feira a romaria da Senhora da Conceição—a romaria das *passarinhas*, como diz o povo. Esteve pouco concorrida, devido ao estado do tempo.

O *Pregão* e as *Danças* das festas nicolinas levadas a effeito pela briosia da nossa Academia, são obra do nosso amigo Jeronymo de Almeida.

Principiam a pagar-se na rebedoria d'este concelho no dia 16 deste mez os juros do 2.º semestre do corrente anno das inscrições da divida interna fundada do juro de 3 por cento.

Foi capturado nesta cidade e remetido para o commissario de policia de Braga, o gatuno Francisco Teixeira Pinto, o «Caldas», natural da freguezia de S. Lazaro, o qual tomou parte no assalto ao estabelecimento do snr. Alfredo Matos, do Largo do Barão, donde roubaram 18 chapéus. A mesma policia procede a averiguações afim de capturar mais dois larpios.

O snr. administrador do concelho está tomando energicas providencias contra a gatunagem que infesta a cidade e concelho.

Publica-se mais um semanario republicano nesta cidade. Chama-se «A Velha Guarda» e é seu director o snr. Mariano Felgueiras.

«A nossa attitude e a accção Camararia» e «A psychologia do franquismo de Guimarães», são dous artigos esboçados desde o primeiro numero e que circunstancias especiaes fizeram suspender a sua publicação. Sahirão por sua vez.

ALVORADA

SALGADO

RUA NOVA DE SANTO ANTONIO—GUIMARÃES

DEPOSITO DE LUVAS DE PELLICA

Lovas de pellica brancas, pretas e em todas as côres, para senhora. Luvas de pellica brancas, pretas e em todas as côres, para homem. Ditas brancas, pretas e em côres, para creança. Luvas d'algodão, escocia e em seda para senhora, creança e homem, em branco, pretas e em côres. Luvas d'agasalho para homem, senhora e creança, em todas as côres.

CASA COMMERCIO E INDUSTRIA

FUNDADA EM 1864

AUGUSTO CUNHA & C.^A

27, Rua Nova de Santo Antonio, 29

Armazem de ferragens nacionaes e estrangeiras

Vendas por junto e a retalho

Armazem de Lanificios e Tecidos d'Algodão

DE

DUARTE, AREIAS & C.^A

Largo do Tournal, 130 a 132 e Rua Nova de Santo Antonio, 1 a 5

GUIMARÃES

Vendas a preços fixos



Atelier da Moda

High-Life

Chapeus para senhora e creança

Exposição permanentemente aberta no 1.º andar

Grande sortido de luvas para inverno

Ultimas novidades

93—Rua da Rainha—97

CARDOSO

TOURAL N.º 102 E 104

A casa que vende mais barato

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura		Preço das publicações	
Anno	1\$200 rs.	Annuncios e communicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, anno (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional	"
Numero avulso	20 "	Annuncios, não judiciais, para os snrs. assignantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ex.^{mo} Snr.